

CONSCIÊNCIA MORAL EM THEODOR ADORNO: CONTRIBUIÇÃO AOS ESTUDOS ADORNIANOS SOBRE MORALIDADE*

*MORAL CONSCIENCE IN THEODOR ADORNO: A
CONTRIBUTION TO ADORNIAN STUDIES ON MORALITY*

Cristiane Souza Borzuk

Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano (USP)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0602363708128288>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4477-123>

E-mail: csborzuk@ufj.edu.br

Resumo: *O objetivo deste trabalho é tecer reflexões sobre consciência moral nos escritos de Theodor Adorno. Partimos da hipótese de que as possibilidades e os impedimentos para uma vida reta seja uma questão central no pensamento de Adorno, ainda que haja poucos escritos especificamente dedicados a este assunto em sua obra. Espera-se com esta pesquisa, por um lado, promover a reflexão sobre as possibilidades e impedimentos para a formação da consciência moral na sociedade atual, e, de outro, contribuir para o avanço da compreensão e da reflexão sobre o pensamento adorniano a partir de um tema pouco explorado no Brasil, o tema da consciência moral em Theodor Adorno.*

Palavras-chave: *Theodor Adorno. Consciência Moral. Filosofia Moral.*

Abstract: *The objective of this paper is to reflect on moral conscience in the writings of Theodor Adorno. We start from the hypothesis that the possibilities and impediments to a righteous life are a central issue in Adorno's thought, although there are few writings specifically dedicated to this subject in his work. We hope that this research will, on the one hand, promote reflection on the possibilities and impediments to the formation of moral conscience in today's society, and, on the other, contribute to the advancement of understanding and reflection on Adorno's thought based on a theme little explored in Brazil, the theme of moral conscience in Theodor Adorno.*

Keywords: *Theodor Adorno. Moral Conscience. Moral Philosophy.*

*Este texto apresenta os resultados da pesquisa desenvolvida durante o estágio pós-doutoral realizado no Instituto de Psicologia da USP, sob supervisão do Prof. Dr. José Leon Crochick

Toda a moral se configurou sempre pelo modelo do imoral, e até hoje o reproduziu em todas as fases. Theodor W. Adorno

Durante os últimos anos da Segunda Guerra Mundial Adorno escreve um livro denominado, em tradução para a língua portuguesa, *Minima Moralia: reflexões a partir da vida danificada*¹. Na apresentação deste livro, dedicado a seu companheiro Max Horkheimer, Adorno se refere a seu conteúdo como a “melancólica ciência”. Refere-se aqui à doutrina da vida reta que, segundo Adorno, “caiu no desrespeito intelectual, na arbitrariedade sentenciosa e, por fim, no esquecimento” (Adorno, 1983, p.07).

Anos mais tarde (segunda metade dos anos 1950 e início dos anos 1960), Adorno oferece um curso destinado às questões de moralidade. As gravações das aulas foram transcritas e publicadas sob o título *Problems of moral philosophy*, em 2000². Já na primeira lição, Adorno indica seu propósito:

(...) will take will be to enquire whether the good life is a genuine possibility in the present, or whether we shall have to make do with the claim I made in that book³ that ‘there can be no good life within the bad one (Adorno, 2000, p. 01).

Adorno propõe-se a investigar se a boa vida é uma possibilidade no presente. Ainda que restritos a estes dois registros, partimos da hipótese de que as possibilidades e os impedimentos para uma vida reta não seja uma questão menor para Adorno. Ao contrário, entendemos que seja um problema fundamental em seu pensamento.

Dois elementos justificam esta hipótese. O primeiro diz respeito ao fato de que, em sua obra, encontramos momentos importantes que nos remetem às questões de moralidade. Vale a pena mencionar que as grandes obras de Adorno, em companhia ou não de Horkheimer, apresentam trechos dedicados às questões de moralidade, e não de modo secundário.

Como exemplo, podemos mencionar a *Dialética Negativa* (2009). Publicada originalmente em 1966, Adorno dedica uma seção importante ao tema da Liberdade, pressuposto da consciência moral. Ali Adorno indica alguns dos nexos subjacentes ao agir moral, em particular a desproporcional relação entre indivíduo e sociedade, e o caráter mediador desta sobre os indivíduos. Segundo Adorno, “A consciência moral retira sua objetividade em relação aos homens da objetividade da sociedade na qual e por meio da qual eles vivem, e que alcança até o cerne de sua individuação” (2009, p.235).

Também podemos mencionar o segundo excurso da *Dialética do Esclarecimento* (1985). Intitulado *Juliette ou Esclarecimento e Moral*, este excurso coloca em questão tanto a amoralidade quanto o rigor moral sob os auspícios de uma razão que se pretende controladora de toda natureza, remetendo-se a quem denominam de os “implacáveis realizadores do esclarecimento”: Kant, Nietzsche e Sade (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 16).

Em *Elementos do Antissemitismo*, também da *Dialética do Esclarecimento*, referindo-se à liquidação da consciência moral no fascismo, Adorno e Horkheimer afirmam: “A consciência moral perde seu objetivo, pois a responsabilidade do indivíduo por si mesmo e pelos seus é substituída muito simplesmente por sua contribuição ao aparelho, mesmo que isso ocorra sob as antigas categorias morais” (1985, p. 185).

O segundo argumento refere-se ao fato de que as questões de moralidade, tal como aparecem em seus textos, estão vinculados aos grandes temas e principais conceitos de seu pensamento, tais como a relação entre teoria e práxis, a relação entre lei e liberdade, indivíduo e sociedade e,

1 Título original *Minima Moralia. Reflexionen aus dem beschädigten Leben* (1951).

2 A primeira publicação se deu em 1996, na Alemanha, e foi intitulada “*Probleme der Moralphilosophie*”, pela editora Suhrkamp Verlag. Esta publicação refere-se ao curso de 1963. De acordo com o editor, as versões do curso de Filosofia moral ministrado por Adorno diferiram em seus conteúdos, sendo que o primeiro, realizado no inverno europeu de 1956 a 1957, tinha como ênfase o desenvolvimento histórico das ideias morais de Sócrates, Platão e Aristóteles, chegando a Kant e Nietzsche. Já o curso de 1963, que gerou a transcrição e posterior livro, foi mais dedicado a Kant (Schroder, T. 2000, p. 214).

3 Aqui Adorno refere-se à afirmação que faz no aforismo “Asilo para os sem abrigo”, de *Minima Moralia*: “Não há nenhuma vida recta na falsa” (1951, p. 29).

sobretudo, a crítica ao esclarecimento como forma de domínio da natureza, convertendo-se em seu contrário.

Considerando, portanto, que as questões referentes à vida reta podem ser consideradas em alta conta no pensamento adorniano, e, ainda, que há poucos escritos especificamente dedicados a este assunto em sua obra, a proposta que se desenvolve aqui refere-se à leitura dos argumentos adornianos sobre filosofia moral e às possibilidades de formação da consciência moral nos dias atuais.

Para efeito deste trabalho, trataremos a consciência moral como um esforço individual, guiado pela reflexão consciente das categorias de moralidade, sobre o bem agir. A consciência moral aqui é tratada, a um só tempo, como individual e social, e como tal, carece do estabelecimento de seus determinantes.

A principal referência para esta investigação será *Problems of moral philosophy* (2000), em virtude do fato de que, ao que tudo indica, é apenas nesta obra que Adorno se propõe a investigar diretamente as possibilidades de uma vida reta no capitalismo administrado. Neste livro esperamos encontrar elementos que nos permitam refletir sobre os possíveis contornos de uma consciência moral passível de ser desenvolvida na sociedade atual.

Como se trata da transcrição das aulas de um curso ministrado pelo autor, sendo, portanto, de natureza diversa dos textos especificamente elaborados para publicação, faremos incursões em suas principais obras com o propósito de abstrair dali elementos que complementem a discussão posta em *Problems*.

Em tempos em que os conceitos de moral e ética têm passado ao largo das ações dos indivíduos, e que a existência política, tal qual formulada em suas origens, como um valor, não mais existe, perguntar sobre as possibilidades de formação da consciência moral é mais do que importante, urgente.

Espera-se com esta pesquisa, por um lado, promover a reflexão sobre as possibilidades e impedimentos para a formação da consciência moral na sociedade atual, e, de outro, contribuir para o avanço da compreensão e da reflexão sobre o pensamento adorniano a partir de um tema pouco explorado no Brasil, o tema da consciência moral em Theodor Adorno.

Teoria e Práxis

Uma das questões centrais apontadas por Adorno quando se trata de consciência moral, é a relação entre teoria e prática. O conceito de “prática”, para Adorno (2000), não se refere ao uso corrente dado ao termo, como a capacidade individual de lidar imediatamente com problemas postos pela vida cotidiana. Refere-se, outrossim, às origens gregas do termo, em que prática ou práxis, se origina do termo grego *praxis*, que traz o significado de fazer, de agir.

Se o conceito de práxis refere-se à noção de agir, de fazer, a teoria, por seu turno, refere-se tanto ao conceito e o que o envolve, quanto ao pensar, à capacidade de reflexão. A questão que está posta, portanto, quando se estabelece a relação entre teoria e prática para a compreensão da consciência moral é o questionamento sobre as possibilidades de realizar ações dirigidas pela reflexão consciente.

Adorno, ao iniciar seu texto “Notas Marginais sobre Teoria e Práxis” (1995), aponta para o fato de que a questão relativa a teoria e práxis depende, especialmente, da relativa a sujeito e objeto. Para melhor compreender essa relação, indica o caminho da história. Ele retorna a Descartes, sugerindo que, à medida que seu dualismo psicofísico validava a cisão entre sujeito e objeto, a tensão da práxis em relação à reflexão colocava-se em evidência, tornando-a, para todos os efeitos, um produto da modernidade.

Descartes, ao romper com a lógica medieval, estritamente marcada por uma visão teológica, ao contrapor os sentidos ao pensamento, coloca este último como o baluarte de sua filosofia. Mas, para Descartes, o pensamento visa o linear, o não-contraditório sendo que o contraditório somente é compreendido enquanto irracionalidade, sendo, portanto inaceitável, concepção esta que ratifica as antíteses às quais o texto se refere. Nesta direção, Descartes anuncia aquilo que Horkheimer nomeou de Teoria Tradicional, que é uma teoria esboçada “de cima para baixo” (Horkheimer, 1980,

p. 119). Para Horkheimer, na medida em que a teoria é concebida de modo independente das coisas, “como que saindo da essência interna da gnose (*Erkenntnis*), ou possuindo uma fundamentação a-histórica, ela se transforma em uma categoria coisificada (*verdinglichte*) e, por isso, ideológica” (1980, p.121).

Mesmo estabelecendo as relações entre a lógica cartesiana e a cisão entre teoria e práxis, Adorno (1995) alerta para o fato de que, se a antítese entre teoria e práxis foi evidenciada pela primeira vez no Renascimento, isso não significa que tenha surgido nesse momento.

Para ele, ao se tentar datar tal divergência, dever-se-ia retornar aos primórdios da civilização. A práxis, enquanto separada da teoria, surgiu da separação entre trabalho físico e mental. E os motivos que fizeram com que houvesse essa separação, a saber, o controle da natureza com vistas à produção das condições da vida humana, trazem ainda hoje, implicações importantes para uma de suas grandes herdeiras: a cisão entre teoria e práxis. A práxis, por ter nascido do trabalho, traz ainda a marca da renúncia ao princípio do prazer ocorrida nos primórdios da civilização em nome desta.

Esta renúncia, que atualmente não é tão mais necessária quanto em outros tempos, preserva-se como fetiche do capital. Ou seja, considerando-se o alto nível de desenvolvimento alcançado pela humanidade, somente podemos compreender a perpetuação da necessidade de labuta imputada ainda hoje aos indivíduos como mais uma forma de manter as relações de poder vigentes.

Nessa medida, Adorno (1995) faz uma analogia da práxis, tal qual é apresentada atualmente, com o trabalho desenvolvido nos primórdios, em que o homem deveria investir todas as suas forças nas tarefas da auto conservação. Da mesma forma, o indivíduo, que também surge com o Renascimento⁴, apesar de seu protótipo já estar inscrito desde a antiguidade, encontra-se preso à práxis, trazendo junto de si a penúria da renúncia primordial ao princípio do prazer.

Mais adiante Adorno faz uma incursão ao pensamento de Kant e de Hegel visando apreender a noção de práxis de cada um. Em Kant, a noção de práxis consistia na boa vontade, sendo que esta equivaleria à razão autônoma. De acordo com o autor (1995), apesar do antipsicologismo da filosofia moral kantiana e de sua tentativa de criar princípios imperativos e universais, suas formulações foram profundamente individualistas. Já em Hegel, como este compreende a conduta do indivíduo aprioristicamente estéril frente à totalidade, propõe uma noção de práxis vinculada estritamente à política.

Para Adorno,

A filosofia moral de Kant e a filosofia do direito de Hegel representam dois graus dialéticos da autoconsciência burguesa da práxis. Ambas, como polos opostos do particular e do universal que aquela consciência rasga em dois com violência, são também falsas; ambas têm razão uma em relação à outra, enquanto não se descobrir na realidade uma figura de práxis possível mais elevada; sua descoberta necessita de reflexão teórica (Adorno, 1995, p. 209)

Mais uma vez, de forma intencional, Adorno leva ao confronto posições intelectuais fundamentalmente diferentes e, ao fazer isso, promove a crítica de uma teoria por meio da outra, e vice-versa. Para ele, apesar de Kant resgatar a individualidade humana, acaba por perder a sua dimensão social, visto que exalta em demasia o sujeito singular. Hegel, por sua vez, ao estender o conceito de moral ao político, perde o particular, e assim, petrifica a ação coletiva, visto ter petrificado a ação de cada indivíduo. Nesse sentido, as duas posições apresentam-se como emblemáticas da cisão da consciência no mundo burguês na qual o moral e o político são vistos como polos opostos na totalidade.

Para Adorno, a fertilidade não estaria no individualismo kantiano, nem tampouco no coletivismo hegeliano, mas na tensão entre o particular e o universal, na qual nem o coletivo é anulado pelo particular, e nem o particular desaparece no coletivo. Deste modo, Adorno se

⁴ Dirão Horkheimer e Adorno: “E não é mero acidente fortuito que só por volta do século XVIII a palavra “indivíduo” tenha passado a designar o homem singular, e que a própria coisa não seja muito mais antiga do que a palavra” (Horkheimer; Adorno, 1978, p. 52).

contrapõe à identidade entre teoria e práxis, uma vez que aceitar esse princípio, resultaria na aceitação da perpetuação da dominação, não abrindo brechas para a contradição. A esse respeito, é assertivo:

Dever-se ia formar uma consciência de teoria e práxis que não separasse ambas de modo que a teoria fosse impotente e a práxis arbitrária, nem destruísse a teoria mediante o primado da razão prática, própria dos primeiros tempos da burguesia e proclamado por Kant e Fichte. Pensar é um agir, teoria é uma forma de práxis; somente a ideologia da pureza do pensamento mistifica este ponto. (Adorno, 1995, p. 204)

Nesse sentido, a total separação imputada à relação entre teoria e práxis ou sua total coincidência só podem ser apreendidas como mais uma forma por meio da qual a dominação se mantém. Adorno propõe, então, que a resistência se dê a partir da tensão entre teoria e práxis.

Se a resistência, então, deverá ocorrer a partir da tensão entre teoria e prática, as referências sobre o bem agir não podem ser decorrentes apenas da aceitação de valores já postos em determinada sociedade, como tradições e costumes. Segundo Adorno (2000), conduta ética ou conduta moral e imoral, são sempre um fenômeno social, sendo, portanto, incompreensíveis se não se considera as relações entre os indivíduos, e entre estes e a totalidade.

Para Adorno, as referências sobre o bem agir devem ser criadas mediante a reflexão consciente, “... *so far as that is possible*” (2000, p. 5).

Ao indicar que a produção da consciência é a principal tarefa da filosofia moral, Adorno aponta para a necessidade de tornarmo-nos conscientes das contradições, e não eliminá-las por qualquer estratagem da teoria. Trata-se de tomar consciência das contradições, assim como dos ardis possibilitados pelo conceito. Adorno recomenda “(...) vigilância, sobretudo perante o conceito, hoje debulhado até o limite do suportável, de ideologia” (Adorno, 1980, p. 194).

Esse esforço para a tomada de consciência, segundo Adorno, deve considerar a essência da psicanálise. A afirmação de que as referências para o bem agir devem ser criadas a partir da reflexão consciente “tanto quanto seja possível”, implica na máxima freudiana segundo a qual “Onde estava o id, ali estará o ego” (Freud, 1980, p. 55).

Entendemos que Freud, apesar de ter apontado a existência de processos mentais inconscientes, e que estes exercem um poder demasiado sobre a existência humana, ele não faz uma apologia aos estados inconscientes, mas que há uma orientação no sentido de buscar a consciência. Segundo Freud,

Seu propósito [da prática psicanalítica] é, na verdade, fortalecer o ego, fazê-lo mais independente do superego, ampliar seu campo de percepção e expandir sua organização, de maneira a poder assenhorear-se de novas partes do id. Onde estava o id, ali estará o ego. É uma obra de cultura - não diferente da drenagem do Zuider Zee. (Freud, 1980, p. 55)

Desta forma, se para Adorno teoria e práxis não são a mesma coisa e nem totalmente distintas, ele propõe que a relação entre elas seja de descontinuidade, o que nega qualquer tentativa de criar uma linearidade que conduza uma à outra. Segundo Adorno (2000), a esfera moral não é coincidente com a esfera teórica, nem tampouco a teoria deve ser imediatamente o critério da ação moral.

Sobre moral e ética

Adorno (2000) aponta para o caráter problemático do termo “moral”. A palavra moral deriva da palavra latina *mores*, que significa costumes. Tomar os costumes como a referência de certo e errado, é algo problemático. De um lado, pode-se dizer que os costumes de um povo, de uma nação, praticamente não mais existem, em virtude de todo o processo de integração sofrida pela comunidade e pelas modificações ocorridas na experiência. De outro, o que sobrevive de outros tempos, já não serve mais efetivamente de referência para os indivíduos.

Além disso, segundo Adorno (2000), um conceito não representa unicamente seu significado puro, original, mas existem conotações historicamente criadas que dotam este termo de uma aura que não permite a redução ao seu sentido etimológico. Deste modo, se o termo moral efetivamente deriva da palavra costumes, o uso comum da palavra a associa frequentemente à noção de 'rigor moral' vinculado a uma tradição que evoca convencionalismos que podem ser considerados bastante problemáticos, particularmente referentes às questões da sexualidade. Segundo Adorno, *"The relation to tradition is supplanted by a canon of prohibitions"* (Adorno, 1992, p. 78). Moral e imoral são termos comumente associados à adequação ou não das condutas sexuais a certos modelos convencionais estreitos, atualmente em voga.

Para Adorno (2000), têm havido uma tendência a substituir o termo 'moral' pelo termo 'ética'. A palavra ética é derivada de *ethos*, expressão grega considerada de difícil tradução. Segundo Adorno, em geral é associada à ideia de natureza, o que, em nossos tempos, aproxima-se da noção de caráter e de personalidade.

O que se desdobra daí é a noção de que a boa vida, a vida reta, é possível de ser obtida se cada um viver de acordo com seu próprio *ethos*, seu destino. Segundo Adorno (2000, p. 10), tal constatação aproxima-se do provérbio grego 'O *ethos* do homem é seu *daimon*⁵, o que traz, como consequência, a conversão das categorias de moralidade em aspectos da natureza.

Para Adorno, no entanto, isso é pura ilusão e ideologia:

An ideology, moreover, that goes hand in hand with a second ideology, namely the illusion that culture and the adaptation of the individual to culture brings about the refinement and self-cultivation of the individual, whereas culture stands opposed to moral philosophy and is actually open to criticism from that quarter. For all these reasons I believe it is better to retain the concept of morality, albeit critically, than to soften up and obscure its problematic nature from the outset by replacing in with the sentimental concept of ethics. (Adorno, 2000, p. 10)

A redução do problema da moral à ética implica em escamotear o que deve ser considerado, segundo Adorno, o grande problema da filosofia moral e, por conseguinte, da consciência moral: a relação entre indivíduo e sociedade. Além disso, impede a reflexão sobre a questão central para os nossos dias: a cultura e a sociedade atuais permitem aos indivíduos a boa vida ou tornaram-se um impeditivo para ela, em virtude de sua tendência à harmonização?

Para ele, o conceito de ética representa a má consciência da moralidade: "If I were now to reformulate in slightly more ambitious philosophical terms what I have been telling you about this conception of ethics, I would have to repeat what I said earlier on, namely that ethics is the bad conscience of conscience" (2000, p. 15). Ou seja, a ética é uma espécie de moralidade que se envergonha de seu caráter moralizante, apesar de se comportar como moralidade. A desonestidade implícita aí é pior e mais problemática do que a incompatibilidade da experiência com o termo moralidade, que, de algum modo, mantém a tensão entre elas.

Apesar do caráter problemático do conceito de moral, ele permite a expressão das tensões entre o indivíduo e a totalidade, sendo capaz de evidenciar os contrastes entre a existência particular e a existência pública, o que o conceito de ética impede, por pressupor uma existência harmoniosa e natural entre eles.

Para Adorno (2000), o problema central da filosofia moral é a relação entre os indivíduos particulares, os interesses e comportamentos particulares, e o universal que, via de regra, se opõe a eles. E não se trata de mera oposição, mas da imbricação de traços irracionais, repressivos e violentos, nos costumes tradicionais em conflito com os interesses individuais. As normas morais que vigoram na sociedade atual, segundo Adorno, referem-se, sobretudo, à tentativa de reviver valores perdidos, sobretudo feudais, que não têm condições de serem realizados na sociedade burguesa e acabam por assumir uma forma "perversa e repressiva". Para Adorno, a substância destas normas não mais existe, mas as pessoas ainda se apegam a elas, transformando-as em fetiches.

5 Êthos anthrópôi daímôn. Segundo Spinelli, "Na medida em que se restringe ao êthos, daímôn indica tanto a condição quanto a destinação humana (subjéctiva e universal) no contexto da vida do Cosmos" (2006, p. 41).

Adorno relembra a afirmação de Hegel segundo a qual “a coruja de Minerva só abre suas asas com o cair do crepúsculo”⁶. Com ela, afirma que as questões de moralidade sempre surgem quando as normas morais não são mais evidentes ou inquestionáveis na vida cotidiana, quando os costumes que até então nortearam a vida das pessoas perdem sua autoridade.

Mas o que é decisivo não é apenas a perda da autoridade dos costumes, o declínio da moralidade. O que é decisivo, dirá Adorno, é o fato de que quando o estado da consciência humana e o estado das forças sociais de produção abandonam as ideias coletivas, elas adquirem qualidades repressivas e violentas (2000), possibilitando toda sorte de horrores.

Para ele, toda violência perpetrada pelo fascismo e por organizações totalitárias, nada mais é do que a extensão de costumes populares que assumiram características irracionais e violentas, precisamente porque eles tornaram-se divorciados da razão.

Além disso, a gigantesca desproporção de forças entre os indivíduos particulares e a totalidade não garante a pretensa harmonia entre os interesses públicos e os privados, promovendo o conflito entre as normas coletivas e os interesses e reivindicações dos indivíduos⁷.

Para Adorno (2000), conduta moral ou imoral é sempre um fenômeno social. Por esta razão, não faz sentido falar em moralidade ou imoralidade sem que se considere as relações entre os indivíduos, e entre estes e a totalidade, caso contrário cairíamos em uma abstração.

De outro lado, quando os valores universais não estão em acordo com os interesses particulares, eles surgem como abstrações e, ao não incluir o particular, apresenta-se como algo estranho e, conseqüentemente, violento para os indivíduos.

Ética da convicção e Ética da responsabilidade

Não por acaso, Adorno destinou parte considerável de seu curso sobre Filosofia Moral a Kant. Ao desdobrar os conceitos da filosofia moral kantiana, Adorno chega à conclusão de que ali encontra-se o que pode ser chamado de uma ética da convicção, e a confronta com a ética da responsabilidade, derivada do pensamento de Hegel. Ao indicar a falibilidade dos dois modelos, aponta, também, para as contradições da convergência dos elementos objetivos e subjetivos na filosofia moral, dirigindo suas atenções para uma dialética da moralidade.

Segundo Adorno, agir moralmente em Kant significa agir de acordo com a razão pura, e a principal característica dessa razão, é o a priori. Um julgamento a priori é definido por duas qualidades, a necessidade e a universalidade, princípios que nos conduzirão ao Imperativo categórico: “...the maxim governing action, the supreme principle of every practical action that combines the two elements of necessity and universality with each other” (2000, p. 79).

O julgamento a priori é universal por que não pode ser restringido por nada individual ou particular; já o conceito de necessidade está implícito no conceito de lei: a razão surge com a reivindicação de fazer inferências de acordo com as proposições da lógica. Isto, segundo Adorno, aponta para uma contradição no pensamento de Kant, já que apesar de insistir que a esfera da moralidade é a esfera da liberdade, ele enfatiza a conformidade com a lei, e a lei, por sua vez, é o oposto da liberdade.

Adorno inicia uma de suas aulas com uma citação de Kant, da Crítica da Razão Pura: “*Reason provides laws which are imperatives, that is, objective laws of freedom*” (2000, p. 89). Para Adorno, esta afirmação aponta para uma contradição importante no pensamento moral de Kant, pois se a razão cria leis para a liberdade, a liberdade é exatamente algo que não está sujeito a leis.

Como em Kant a razão é o órgão do bem, não existindo, segundo Adorno (2000), outro órgão do bem que não a razão, isso se desdobra na afirmação de que a razão não pode ser independente da autopreservação. Para ele, a essência da razão é a autopreservação:

6 “Quando as sombras da noite começam a cair é que levanta voo o pássaro de Minerva”. Prefácio à Princípios da Filosofia do Direito, de Hegel (1997).

7 Neste ponto Adorno afirma que, ainda que a desproporção de forças entre indivíduo e sociedade seja evidente, em que a totalidade, via de regra, esmaga o particular, seria um erro bastante grosseiro polarizar esta relação, atribuindo ao indivíduo o caráter de “bom” e à totalidade, de “má”.

So here we have the contradiction that, on the one hand, reason cannot be separated from the interest in preserving one's own life because reason is really the identity of the self-preserving subject, while on the other hand, reason should be able to oppose the interests of self-preservation (Kant, 2000, p, 94).

Isto aponta, segundo Adorno, para a ambiguidade do conceito de razão em Kant, já que se baseia no modelo de autoconservação e, ao mesmo tempo, tem a necessidade de restringir as manifestações particulares dessa autopreservação, em virtude das consequências a que tal contradição conduz. Dirá Adorno: "...at the heart of autonomy an element of heteronomy has become entrenched" (2000, p. 96).

Tal constatação tem uma implicação importante que deve ser incluída na crítica à filosofia moral kantiana: a filosofia de Kant postula a liberdade, mas no desenvolvimento de seu significado, esta mesma liberdade é suprimida a tal ponto que ela é totalmente dispensada. Segundo Adorno, "...the element of necessity actually devours that of freedom" (2000, p. 133). Para ele, é semelhante à economia, em que todo indivíduo tem a liberdade de agir como quiser: o empresário pode desperdiçar seu dinheiro e o trabalhador pode deixar de trabalhar, mas o empresário irá à falência e o trabalhador será demitido. Vê-se, portanto, que a natureza coercitiva da realidade prevalece sobre a liberdade:

Thus, the coercive nature of reality, of the social reality in which we live, prevails over freedom, while for its part freedom is exiled to the distant horizon to 'Some far-off war, in Turkey, let's suppose, / Someplace where nations come to blows'!. (Adorno, 2000, p. 133)

Deste modo, segundo Adorno, pode-se dizer que a sociedade em que vivemos, marcada pela aparente liberdade de escolha, na verdade é uma continuação da história natural, visto que somos dependentes de necessidades cegas e orgânicas ... "of the kind that we project onto non-human nature" (2000, p. 135).

Segundo Adorno, a essência da filosofia moral kantiana aponta para a afirmação de que a moral é totalmente independente de condições empíricas, sendo, portanto, uma questão de livre arbítrio, ou, como diria Kant, "...a matter of my conviction" (2000, p. 84). Pode-se dizer, portanto, que em Kant há uma ética da convicção, em contraste com uma ética da responsabilidade: "...in a significant sense Kant's ethics is an ethics of conviction, in contrast to what has been called an ethics of responsibility in which empirical conditions have to be taken into account" (2000, p. 84).

Para Adorno, uma ética da convicção é uma ética que se sustenta na vontade pura, ou seja, a única autoridade reconhecida é a interioridade do sujeito, sendo a natureza desta concepção, a noção de que a moral é radicalmente independente de condições empíricas.

An ethics of conviction is an ethics that seeks refuge in the pure will, that is, it recognize the interiority of the moral subject as its only authority. In contrast to that, the ethics of goods and the ethics of responsibility take as their starting-point an existing reality, though under certain conditions this may be a mental reality, as perceived by this subject to which it is then counterpoised. (Adorno, 2000, p. 149)

Na ética da responsabilidade, por sua vez, a decisão por uma ação se dará em virtude de uma demanda pelo que é bom e certo, ou seja, surge da reflexão sobre os efeitos da ação. Não está respaldada apenas na convicção pessoal, mas inclui sua finalidade. Em outras palavras, para Adorno (2000), a ética da responsabilidade é aquela que leva as consequências à consideração, e se recusa a se preocupar exclusivamente com a vontade pura.

Isto, segundo Adorno, conduz a um tema fundamental da filosofia moral, qual seja, a distinção entre as normas que se relacionam com a vontade pura, como pode ser visto em Kant, e as normas que incluem a possibilidade de serem concretizadas na prática, derivadas do pensamento

de Hegel: “This problem has been formulated as the distinction between an ethics of conviction [Gesinnungsethik] and an ethics of responsibility [Verantwortungs-ethik]”. (Adorno, 2000, p.07)

O que está posto é a contradição entre a natureza condicional da ação moral e as categorias inerentes à moral, a objetividade e a autoridade dos conceitos morais. Isso nos remete a uma dialética da moralidade.

A dialética da moralidade

Já no final do curso sobre filosofia moral, Adorno traz o relato de uma peça de Ibsen como exemplo para o que ele chama de dialética da moralidade. Ele narra a estória de *The Wild Duck*⁸, afirmando que ali é possível encontrar exemplos concretos de como uma pessoa se torna imoral ao defender a lei moral em sua pureza. O que está posto nesta peça, dirá Adorno, é o conflito entre uma ética da responsabilidade e uma ética da convicção.

Refere-se à distinção entre as normas relacionadas unicamente com a vontade pura, conforme descrito por Kant, e as normas que implicam na possibilidade objetiva de concretização. Aqui, o motivo hegeliano.

Adorno aponta para o fato de que, em Ibsen, é possível compreender que “... the conflict between an ethics of conviction and an ethics of responsibility can be insoluble”. (2000, p. 160)

E, mais do que isso, aponta para o fato de que, na peça, não apenas a moral abstrata é problemática. Para ele, o elemento realmente dialético está no fato de que a ética da responsabilidade e o mundo no qual e para o qual ela age, são descritos como problemáticos, e sobretudo, articulados à ordem existente.

Além disso, segundo Adorno, Ibsen está bem consciente de que, quando imaginamos que somos impelidos pelo bem, nossos motivos com frequência não são mais do que um egoísmo oculto. Muitas vezes, sentimentos de culpa neuróticos são confundidos com bondade absoluta. Em consequência, pode-se dizer que a ética da responsabilidade, ao defender o existente, está, muitas vezes, em oposição aos indivíduos.

Para além do fato de Ibsen demonstrar a insolubilidade da contradição entre uma ética da convicção e uma ética da responsabilidade, Adorno afirma que ele pôde perceber (e representar no palco), o fato de que não pode haver vida boa na má. Assim, a questão que Adorno aponta no início de suas aulas, e que foi indicada em *Minima Moralia* anos antes, qual seja, de que não pode haver vida boa na má, é representada com todos os seus detalhes e rigores em Ibsen.

Segundo Adorno (2000), isso leva a uma consequência paradoxal, visto que a ética considerada formalista de Kant acaba por ser muito mais radicalmente crítica do que a ética de Hegel baseada no conteúdo, ainda que esta seja crítica de fenômenos sociais particulares. Isso ocorre, segundo Adorno, porque o princípio da universalidade de Kant eleva sua ética acima de toda configuração determinada do mundo que a confronta, acima da sociedade e das condições existentes, tornando-o mais crítico de categorias morais limitadas e finitas.

Isso traz consequências importantes. Segundo Adorno (2000), a razão que tem sua finalidade objetiva e dá forma a si no mundo, por um lado, e a razão crítica, por outro, não são uma única e mesma coisa, nem tampouco apenas diferentes. Elas são completamente incompatíveis uma com a outra. Nesta distinção entre uma razão que se objetiva e uma razão que pensa subjetivamente, vê-se a natureza questionável da razão total incorporada em um único princípio moral.

Assim, para Adorno, agir de acordo com a razão, seria uma autopreservação abstrata liberta do eu e degeneraria no mal que é o caminho do mundo, em que o mais forte emerge como vencedor. Por esta razão, dirá Adorno, não há vida boa na má vida, pois nem uma ética formal, nem uma ética da responsabilidade pode subscrevê-la.

⁸ Peça de teatro escrita por Henrik Ibsen, dramaturgo norueguês, em 1884. Traduzido para língua portuguesa como “O pato selvagem”.

Sobre a Dialética Negativa: uma digressão

Na seção sobre a Liberdade⁹, na Dialética Negativa (2009), Adorno afirma:

Na sociedade socializada, todos os indivíduos são incapazes do elemento moral que é exigido socialmente e que só existiria realmente em uma sociedade liberta. A moral social não seria outra coisa senão pôr fim na má infinitude, na troca odiosa que consiste em pagar sempre com a mesma moeda. Entrementes, não parece restar mais nada da moral para o indivíduo além daquilo pelo que a teoria moral kantiana, que concede aos animais inclinação, mas não respeito, não tem senão desprezo: Procurar viver de tal modo que se possa acreditar ter sido um bom animal. (Adorno, 2009, p. 249)

Tal afirmação pode levar a indagações sobre as proposições de Adorno. Suas conclusões sobre a consciência moral entram em contradição com sua dialética negativa? Logo no prefácio da Dialética do Esclarecimento (1985), Horkheimer e Adorno apontam para um conceito “positivo” do esclarecimento: “A crítica aí feita ao esclarecimento deve preparar um conceito positivo do esclarecimento, que o solte do emaranhado que o prende a uma dominação cega” (1985, p. 15). Tal ideia é desenvolvida mais detidamente no capítulo um, destinado ao conceito de esclarecimento, e se apresenta a propósito das questões de moralidade em *Juliette ou esclarecimento e moral*, o segundo excuro da Dialética do Esclarecimento. Em *Juliette* se lê:

Diferentemente do positivismo lógico, ambos [Sade e Nietzsche] tomaram a ciência ao pé da letra. O fato de que insistem na *ratio* de uma maneira ainda mais decidida do que o positivismo tem o sentido secreto de liberar de seu invólucro a utopia contida, como no conceito kantiano de razão, em toda grande filosofia: a utopia de uma humanidade que, não sendo mais desfigurada, não precisa mais de desfigurar o que quer que seja (Horkheimer; Adorno, 1985, p. 113).

Tais proposições indicam a possibilidade de ultrapassar tal estado de coisas, ou, ainda, que os elementos necessários à realização da utopia estão contidos no próprio esclarecimento, o que, a um olhar aligeirado, não estão evidenciados nos trabalhos de Adorno sobre as questões de moralidade. Em *Lectures on negative dialectics: fragments of a lecture course – 1965/1966* (2008)¹⁰, Adorno justifica a proposição de uma “dialética negativa”, por considerar que na dialética hegeliana “(...) this concept of negativity does not have the last word” (2008, p. 14). O que Adorno chama de *negatividade* aqui é “(...) the thing that is to be criticized” (2008, p. 18).

Ao constatar que há uma fetichização do positivo, ou seja, do afirmativo, do que está dado, do inquestionável, Adorno aponta para o fato de que a questão a ser feita refere-se ao que deve ou não deve ser afirmado, e não apenas recusar sua natureza positiva: “We have to ask what has to be or has not to be affirmed, instead of elevating the word ‘Yes’ to a value in itself” (2008, p. 18). A própria negação como resultado da negação da negação, se for retirada de seus nexos, corre o risco de tornar-se positiva, mesmo apresentando-se como negativa. Não se trata, portanto, de

9 De acordo com o editor de *Problems of moral philosophy* (2000), o curso sobre filosofia moral ministrado por Adorno foi uma preparação para o capítulo sobre a Liberdade, da Dialética Negativa.

10 De acordo com o editor deste trabalho, entre os anos de 1960 e 1966 Adorno acompanhou a redação da Dialética Negativa com quatro cursos derivados de suas reflexões para a composição do livro. *Lectures on negative dialectics: fragments of a lecture course – 1965/1966* (2008) é o resultado da transcrição do último dos quatro realizados. O próprio Adorno faz referência à relação entre suas aulas e a redação de sua Dialética Negativa ao mencionar as dificuldades do trabalho docente ao exigir dedicação tanto ao ensino quanto à pesquisa: “(...) the quantity of teaching and administrative chores that I have gradually accumulated render it almost impossible to continue with my research during term time” (...) “My solution to this problem, one that I have had recourse to during the last two semesters and shall do so again this semester, is to take the material for my lectures from a voluminous and some- what burdensome book that I have been working on for six years now with the title ‘Negative Dialectics’” (2008, p. 04)

uma negatividade ou positividade em si, como princípios universais abstratos, mas de perceber seu caráter mediado, o que, segundo Adorno, passou ao largo da compreensão hegeliana em seus escritos de maturidade¹¹ (2008, p. 19).

Ao retirar de seu contexto e não mais refletindo sobre eles, os conceitos de negativo e positivo são transformados em absolutos, quando o que está em questão são relações. Como se trata de relações, tanto o conceito de positivo quanto o de negativo apenas tem validade em relação a algo que deve ser negado ou afirmado. Assim, dirá Adorno, a questão não é se há um elemento fixo, seja positivo ou negativo, mas reconhecer que este ponto fixo é apenas um aspecto, e não pode ser concebido de antemão. Não se trata, portanto, de eliminar o ponto fixo, mas de perceber “... the function of such principles in the context of a philosophy” (2008, p. 28).

Assim, dirá Adorno, o que importa é poder resistir aos hábitos de pensamento que criam absolutos e os separa de seu contexto. “*Its value (do negativo) is its right to resist such habits of thought, even if it does not ‘have’ a positivity of its own*” (2008, p. 25). Além disso, o elemento efetivamente dialético aqui, segundo Adorno, é a recusa à negação ou à eliminação das contradições. Ao contrário, as contradições, em particular no campo da moralidade, que apresentam-se de modo flagrante, podendo ser vistas a olhos nus, devem ser evidenciadas e tornadas conscientes. Só assim, dirá Adorno, será possível criar as condições para a formulação adequada das questões sobre moralidade:

Indeed, I would almost go so far as to say that, given the way the world is organized, even the simplest demand for integrity and decency must necessarily lead almost everyone to protest. I believe that only by making this situation a matter of consciousness - rather than covering it up with sticking plaster - will it be possible to create the conditions in which we can properly formulate questions about how we should lead our lives today (Adorno, 2000, p. 167).

Considerações Finais

As proposições de Adorno não indicam o que fazer. Ao contrário, a partir da constatação de que a vida de todos é tão deformada e distorcida, denuncia-se a impossibilidade de viver a vida boa, ou seja, racional, feliz e justa. Considerando o modo como o mundo está organizado, e as impossibilidades de integridade e decência advindas deste modo de organização, Adorno afirma que somente será possível criar as condições para a formulação adequada de perguntas sobre como devemos conduzir nossas próprias vidas à medida em que tornamos essas questões conscientes. Em outros termos, trata-se do esforço para tornar consciente, sobretudo, a ambivalência das categorias morais exigidas para a vida em comum, e a falibilidade dos indivíduos diante delas:

On the question of whether moral philosophy is possible today, the only thing I would be able to say is that essentially it would consist in the attempt to make conscious the critique of moral philosophy, the critique of its options and an awareness of its antinomies (Adorno, 2000, 167).

Adorno aponta para a autorreflexão. Para ele, o elemento de autorreflexão tornou-se, atualmente, o verdadeiro herdeiro do que em outros tempos foi chamado de categorias morais.

Segundo Adorno (2000), podemos não saber o que é o bem absoluto ou a norma absoluta, podemos nem mesmo saber o que é o homem ou o humano ou a humanidade, mas o que é o desumano, conhecemos muito bem. Por essa razão, afirma ele, o lugar da consciência moral atualmente recai muito mais na denúncia concreta do desumano, do que em tentativas vagas e

¹¹ Segundo Adorno, em seus escritos de juventude, Hegel era crítico severo da noção de que a negação da negação resultava no positivo. Ele menciona o ensaio *Early Theological Writings*, de Hegel, como exemplo; “In their central thrust these youthful essays amount to an attack on positivity, in particular on positive religion, positive theology, in which the subject is not ‘at home’ [bei sich] and in which this theology confronts him as being something alien and reified” (2008, p. 15).

abstratas de situar o homem em sua existência, já que o que se pode chamar de moralidade, se funde com a organização total do mundo.

Apesar da consciência da impotência de todos diante deste estado de coisas, o que é possível hoje é o poder de oposição e de resistência. Invertendo a máxima hegeliana segundo a qual “O verdadeiro é o todo” (Hegel, 1992, p. 31), Adorno afirma que “O todo é inverdadeiro” (Adorno, 1951, p. 40). Por essa razão, insiste que a verdade e a resistência se encontram no indivíduo, o que torna o imperativo categórico um princípio importante contra a barbárie.

Esta resistência, segundo Adorno, não implica em mera oposição ao exterior, visto que contém, também, um elemento de crítica à moral abstrata. Por outro lado, dirá Adorno, a boa vida não é concebível sem que se atente para a consciência e para a responsabilidade: “At this point then we find ourselves really and truly in a contradictory situation” (2000, p. 169).

Segundo Adorno, atualmente as possibilidades de liberdade chegaram a um nível tão inexpressivo que se deve perguntar se ainda há espaço para as categorias morais. Deve-se perguntar, também, sobre o lugar que as questões morais ocupam atualmente, em comparação com outros tempos. Para ele, ao que tudo indica, a importância da ação moral foi demasiadamente reduzida (2000, p. 99).

Segundo Adorno, o que pode ser dito efetivamente é que a boa vida de hoje consistiria na resistência às formas da vida ruim. Além desta prescrição negativa, dirá Adorno, nenhuma orientação pode realmente ser considerada. Isto implica, então, na negação determinada “(...) to all the things imposed on us, to everything the world has made of us, and intends to make of us to a vastly greater degree” (2000, p. 168)

Referências

ADORNO, T. W. **Minima Moralia**. Lisboa: Edições 70, 1951.

ADORNO, T. W. Lírica e sociedade. In: Benjamin, W., Horkheimer, M., Adorno, T. W., Habermas, J. - Textos Escolhidos. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

ADORNO, T. W. On tradition. **Tellos** 94, 75-82, 1992.

ADORNO, T. W. Notas Marginais sobre Teoria e Práxis. In: **Palavras e Sinais: modelos críticos** 2. Petrópolis: Vozes, 1995.

ADORNO, T. W.; BECKER, H. Education for maturity and responsibility. **History of the human sciences**. Vol. 12, Nº 3, pp. 21-34, 1999.

ADORNO, T. W. **Problems of Moral Philosophy**. Stanford, California: Stanford University Press, 2000.

ADORNO, T. W. **Dialética Negativa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

FREUD, Sigmund. Novas Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

HEGEL, G. W. F. **Princípios da Filosofia do Direito**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

HEGEL, G. W. **Fenomenologia do Espírito**. Petrópolis: Vozes, 1992.

HORKHEIMER, M. Teoria Tradicional e Teoria Crítica. In: BENJAMIN, ADORNO, HORKHEIMER, HABERMAS. **Os Pensadores** (textos selecionados). São Paulo: Abril Cultural, 1980.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. **Temas Básicos da Sociologia**. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. Juliette ou Esclarecimento e Moral. In: **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

KANT, I. Fundamentação da Metafísica dos Costumes. In: KANT, I. **Os Pensadores**. (textos selecionados). São Paulo: Abril Cultural, 1980.

SCHRODER, T. Editor's Afterword. In: **Problems of Moral Philosophy**. Stanford, California: Stanford University Press, 2000.

SPINELLI, M. O daimónion de Sócrates. **Hypnos**. Ano 11 / nº 16 – 1º sem. 2006 – São Paulo / p. 32-61, 2006.

TIEDEMANN, R. Editor's Foreword. In: **Lectures on negative dialectics: fragments of a lecture course – 1965/1966**. Cambridge, Reino Unido; Malden, EUA: Polity Press, 2008.

Recebido em 15 de novembro de 2025

Aceito em 23 de fevereiro de 2026